OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM DIÁLOGO POTENTE E NECESSÁRIO

ANNA FLÁVIA NASCIMENTO JESUS[1], DANIEL TEIXEIRA MALDONADO[2]

[1] Estudante do curso de Administração integrado ao Ensino Médio do IFSP – campus Jacareí. E-mail: anna.jesus@aluno@ifsp.edu.br
[2] Doutor em Educação Física. Docente de Educação Física do IFSP – campus Jacareí. E-mail: danieltmaldonado@yahoo.com.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.08.04.02-8 Métodos e Técnicas de Ensino

RESUMO: Esse estudo possui como objetivo analisar as publicações realizadas no observatório da discriminação racial no futebol sobre as relações raciais que atravessam essa manifestação da cultura corporal, com a intencionalidade de produzir saberes que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar. Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos em ambiente virtual on-line. Foram analisados textos publicados nas abas “observatório”, “legislação”, “história” e “entrevista” no referido meio de comunicação. O material empírico foi submetido à análise temática. Esse trabalho irá analisar a categoria temática intitulada “histórias de resistências dos(as) atletas negros no mundo da bola”. Consideramos que as problematizações sobre as relações raciais que atravessam o futebol são potentes temas para as aulas de Educação Física, pois podem ampliar a leitura de mundo dos(as) estudantes no sentido de transformar essa realidade e construir uma sociedade com justiça social.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Histórias de Resistência; Atletas Negros; Educação Física.

OBSERVATORY OF RACIAL DISCRIMINATION IN FOOTBALL AND SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A POWERFUL AND NECESSARY DIALOGUE

ABSTRACT: This study aims to analyse publications made by the observatory of racial discrimination in football about racial relations that permeate this manifestation of body culture, with the intention of producing knowledge that can be problematized in Physical Education classes at school. This is qualitative research of interpretation of documents in an online virtual environment. Texts published in the tab’s “observatory”, “legislation”, “history” and “interview” in the aforementioned media were analysed. The empirical material was submitted to thematic analysis. This work will analysed the thematic category entitled “stories of resistance of black athletes in the world of football”. We consider that the problematizations about racial relations that permeate football are powerful themes for Physical Education classes, as they can broaden students’ reading of the world in order to transform this reality and build a society with social justice.

KEYWORDS: Racism; Stories of Resistance; Black Athletes; Physical Education.

INTRODUÇÃO

Intelectuais contemporâneos têm refletido sobre a possibilidade de se construir aulas de Educação Física Escolar em uma perspectiva antirracista, valorizando a identidade negra, a experiência

produzida pelos corpos negros e os saberes da cultura afro-brasileira que atravessam as práticas corporais (Coelho, 2023; Corsino; Conceição, 2016; Nobrega, 2020).

Na perspectiva de Maldonado e Neira (2021), as relações étnico-raciais que atravessam as manifestações da cultura corporal são temas potentes para efetivar a valorização da negritude brasileira nas aulas de Educação Física, principalmente após a publicação da lei 10.639/2003, que coloca em evidência a produção cultural de grupos que foram historicamente marginalizados e subjugados em diversos contextos da sociedade.

Por conta das questões apontadas, entende-se que é relevante analisar as publicações realizadas por meios de comunicação progressistas que se especializaram em produzir conhecimentos relacionados com as relações étnico-raciais que atravessam as práticas corporais, com a intencionalidade de produzir conhecimentos que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física na Educação Básica.

Assim, o objetivo desse estudo foi analisar as publicações realizadas no observatório da discriminação racial no futebol sobre as relações raciais que atravessam essa manifestação da cultura corporal, com a intencionalidade de produzir saberes que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009) em ambiente virtual on-line. Na perspectiva de Lüdke e André (2003), a análise documental se constitui como uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um determinado problema. São considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano, sendo que a escolha do material de análise nunca é aleatória. Existe sempre alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando essa seleção.

Assim, essa pesquisa buscou respostas ao objetivo do estudo nos dados verbais das reportagens disponíveis no site do observatório da discriminação racial no futebol, por conta de um escopo editorial crítico, reflexivo e que valoriza a cultura negra. Nesse contexto, o referido espaço midiático é um projeto que acredita no futebol como um importante instrumento de inclusão social e de luta contra a violência e o preconceito. Com base nisso, visa utilizar a força do esporte mais popular do Brasil para debater, alertar e conscientizar sobre a discriminação racial no futebol brasileiro.

A investigação foi efetuada em etapas: 1. Exploração de todas as abas disponíveis do endereço eletrônico do observatório da discriminação racial do futebol; 2. Localização dos textos sobre as relações étnico-raciais que atravessam o futebol; 3. Leitura do acervo digital que versa sobre a temática da pesquisa; 4. Seleção dos textos disponibilizados nas abas “observatório”, “legislação”, “história” e “entrevista”; 5. Análise temática (Braun; Clarke, 2006); 6. Produção dos temas e discussão com a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados no observatório da discriminação racial no futebol[1] a história e principais características do espaço midiático, 10 relatórios de discriminação racial dessa prática corporal (2014-2022), um levantamento sobre a diversidade no futebol brasileiro, nove textos que versam sobre a legislação relacionada com o racismo no mundo da bola, 17 reportagens/entrevistas que discutem diferentes contextos relacionados com os(as) atletas negros de futebol e casos de racismo na respectiva prática esportiva, além do manual de antirracismo no esporte.

Nesse trabalho faremos a análise da categoria temática intitulada “histórias de resistências dos(as) atletas negros no mundo da bola”.

Histórias de resistências dos(as) atletas negros no mundo da bola

A reportagem intitulada ‘Como o futebol e a sociedade se uniram para integrar os negros’[2] problematiza a integração de atletas negros no futebol brasileiro, enfatizando uma história de lutas e

[1] Site disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/

[2] Reportagem disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/como-futebol-e-sociedade-se-uniram-para-integrar-os-negros/

conquistas, marcada por diversos aspectos, como: origens no futebol amador, clubes pioneiros, resistência e preconceito, ícones da luta contra o racismo, a legislação e políticas antidiscriminatórias.

Inicialmente, a presença de jogadores negros era mais comum em equipes de futebol amador, no qual as barreiras de entrada eram menores em comparação com os clubes profissionais. Isso proporcionou uma oportunidade para que talentos fossem reconhecidos e desenvolvidos. Alguns clubes foram pioneiros na integração racial, contratando atletas negros em uma época em que a segregação racial ainda era predominante na sociedade brasileira.

Além da Ponte Preta, times como o Vasco da Gama se destacaram nesse aspecto, com o 'Expresso da Vitória' sendo uma das primeiras equipes a ter uma formação multirracial. A integração de jogadores negros enfrentou resistência e preconceito por parte de alguns setores da sociedade e até mesmo dentro do próprio meio esportivo, já que eles muitas vezes eram alvo de discriminação racial por parte de torcedores(as) e colegas de equipe, enfrentando obstáculos adicionais em suas carreiras. Ao longo do tempo, esses atletas se tornaram ícones na luta contra o racismo, usando sua visibilidade e influência para promover a igualdade racial no esporte e na sociedade em geral.

O sucesso dos primeiros jogadores negros do Vasco ajudou a impulsionar o profissionalismo, abrindo espaço para esses atletas em outros clubes. A melhora na qualidade do jogo foi notável e ajudou a seduzir ainda mais o público. O sucesso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, do time de Leônidas da Silva, foi a melhor exposição possível para aquele futebol negro, de ginga, de talento inegável. Graças a essa transformação, a mudança da mentalidade da sociedade em geral também pôde se renovar, apesar do racismo estrutural ainda ser a regra.

A Ponte Preta, fundada em 1900, tem uma história marcada pela inclusão e pela luta contra o racismo no futebol brasileiro. Recentemente, o clube iniciou uma pesquisa histórica para validar a afirmação de que foi o primeiro a ter um jogador negro em seu elenco principal. A investigação busca documentos, registros e relatos que possam comprovar esse pioneirismo, desafiando versões históricas que apontam outros clubes como os primeiros a escalar atletas negros. A Ponte Preta, conhecida por sua identidade e resistência, visa reafirmar seu papel na promoção da igualdade racial no esporte e na sociedade brasileira[3].

A formação da cultura futebolística em Salvador é um reflexo da rica história e diversidade étnica do território. Durante séculos, lamentavelmente a respectiva cidade foi um importante centro de comércio de negros(as) escravizados(as). Todavia, esse contexto resultou em uma forte presença da cultura africana na região. Essa influência se reflete no estilo de jogo, na música e nas celebrações associadas ao futebol. A herança afro-brasileira também é evidente nas tradições das torcidas, com ritmos e danças características presentes nos estádios. Além disso, o futebol em Salvador, em diversos contextos, serviu como uma forma de resistência e afirmação cultural para a comunidade negra, proporcionando um espaço para expressão e orgulho[4].

Dando continuidade a esse debate, a reportagem intitulada ‘Clubes pioneiros na inserção do jogador negro no futebol brasileiro’[5] aponta que em 1907 foi fundado no Rio Grande do Sul, o Riograndense, que teve entre seus fundadores o negro Francisco Rodrigues, pai de Lupcínio Rodrigues, autor de um dos hinos mais belos do futebol brasileiro, o do Grêmio. Em 1910, foi fundado por pessoas negras em São Paulo, a Associação Atlética São Geraldo, que veio a ser campeã em 1922 do campeonato do centenário da Independência do Brasil. O São Geraldo, assim como o Campos Atlético Associação, de Campos dos Goytacazes-RJ, em 1912, tem como característica o fato de ser fundado por e para os(as) negros(as).

Outra informação relevante sobre esse processo foi que o primeiro clube a ser campeão com jogadores negros foi o Bangu Atlético Clube da segunda divisão do carioca em 1911, uma década antes do Vasco, que saiu da terceira divisão para ser campeão da segunda em 1922 e da primeira em 1923. Em 1907, a Liga Metropolitana havia proibido a inscrição de jogadores negros nos clubes filiados. O Bangu repudiou a proibição e abandonou a competição.

[3] Reportagem disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/ponte-quer-provar-que-foi-1o-clube-a-ter-negro/

[4] Reportagem disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/entre-negros-e-brancos-consideracoes-sobre-a-formacao-da-cultura-futebolistica-em-salvador/

[5] Reportagem disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/clubes-pioneiros-na-insercao-do-jogador-negro-no-futebol-brasileiro/

Nesse processo histórico, muitas ligas de futebol informais foram organizadas por pessoas negras no início do século XX como forma de resistência dessa população. Elas ofereciam uma oportunidade para os jogadores negros competirem e se destacarem no esporte, já que muitos campeonatos oficiais estavam fechados para eles devido à segregação racial. Essas competições não apenas proporcionavam entretenimento e camaradagem, mas também serviam como plataformas importantes para a expressão cultural e a afirmação da identidade negra em um contexto socialmente restritivo. Entre os anos 1920 e 1930, São Paulo chegou a contar com 12 clubes disputando o campeonato informal. No Rio de Janeiro, o convívio entre morro e asfalto facilitou o intercâmbio futebolístico de negros e brancos. Veio da cidade o primeiro jogador negro a disputar uma partida oficial do esporte — Francisco Carregal, pela equipe do Bangu, em 1904. Alguns desses times e jogadores tornaram-se muito respeitados e reconhecidos em suas comunidades[6].

Indo ao encontro das reflexões em tela, no cenário paulista, Silva (2022) analisou o futebol de várzea produzido na cidade de São Paulo, a partir da história do Negritude Futebol Clube, time criado na década de 1980, construído prioritariamente por homens e mulheres negros(as), que ocuparam o espaço do recém-inaugurado Conjunto Habitacional nomeado Cohab I, articulando o desenvolvimento da prática futebolística amadora em uma das maiores metrópoles do país com a organização da juventude negra, que foi capaz de fundar o MNU – Movimento Negro Unificado, e ao mesmo tempo apresentar diversas formas de resistência, entre elas os bailes e o futebol, tão importantes para a demarcação da identidade racial e o combate ao racismo.

'Futebol a cores: uma história de racismo no Rio Grande do Sul' é uma reportagem profunda publicada no site do observatório que mergulha nas raízes do racismo no futebol da região. O texto aborda eventos históricos, como a exclusão de jogadores negros dos times gaúchos no passado, destacando as lutas e resistências enfrentadas por esses atletas. A produção textual examina também a relação entre torcidas organizadas e o aumento de incidentes racistas nos estádios, além de entrevistar jogadores, treinadores e ativistas que compartilham suas experiências e perspectivas sobre o assunto. A pesquisa realizada e não só expõe os problemas, mas propõe reflexões sobre como o futebol pode ser uma ferramenta para combater o racismo e promover a inclusão social[7].

A 'Liga da Canela Preta' é uma expressão que encapsula a luta e a resistência dos jogadores negros no futebol brasileiro ao longo da história. Ela representa não apenas a excelência técnica desses atletas, mas também as barreiras sociais e estruturais que tiveram que enfrentar para alcançar o reconhecimento e a igualdade dentro do esporte. Essa liga simbólica destaca como muitos jogadores negros foram subestimados, marginalizados e até mesmo impedidos de jogar em certos times devido ao racismo arraigado na sociedade e no próprio meio esportivo. No entanto, esses atletas perseveraram, desafiaram estereótipos e se tornaram ícones do futebol brasileiro, inspirando gerações futuras. A 'Liga da Canela Preta' também serve como um lembrete poderoso da importância da representatividade e da diversidade no esporte, enfatizando a necessidade contínua de reconhecer e valorizar as contribuições dos jogadores negros para a rica diversidade do futebol brasileiro e global. É um chamado para a inclusão, a justiça social e o fim do racismo no esporte e na sociedade como um todo[8].

José Antônio dos Santos, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**,** pesquisador da história e da cultura negra no Brasil, também foi entrevistado no site do projeto e analisou A Liga Nacional de Football Porto Alegrense no início do século XX, que ficou conhecida como **'**Liga da Canela Preta'**,** fundada em Porto Alegre no final dos anos de 1910, para congregar times de futebol formados, na sua maioria, por jogadores negros[9], assim como problematizado na matéria destacada anteriormente.

A prática do futebol no sul do Brasil também tem se destacado na produção acadêmica. Rodrigues (2022) investigou a participação negra no processo de construção do futebol em Porto Alegre em um contexto de pós-abolição. O autor menciona que o ano de 1907 marca a fundação do possível primeiro time negro na capital e 1921 se torna a data do primeiro aniversário daquela que se tornaria

[6] Reportagem disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/negros-formaram-ligas-de-futebol-informais-no-inicio-do-seculo-xx/

[7] Reportagem disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/futebol-a-cores-uma-historia-de-racismo-no-rio-grande-do-sul/

[8] Reportagem disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/liga-da-canela-preta/

[9] Entrevista disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/entrevistas/com-jose-antonio/

uma das principais organizações futebolísticas entre os negros: a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense, conhecida popularmente como Liga da Canela Preta, evidenciando que em um primeiro momento o futebol era uma atividade estritamente de elites brancas, sendo essa realidade gradualmente modificada a partir de década de 1920, com a inserção de jogadores negros nas equipes e ligas oficiais.

Mackedanz, Silva e Rigo (2021) descreveram a consolidação da Liga de Futebol José do Patrocínio, bem como problematizaram o papel que essa competição desempenhou junto à comunidade negra pelotense no pós-abolição (1919-1936), sendo esse um espaço de resistência contra os parâmetros elitistas e racistas do futebol na cidade de Pelotas. Nesse mesmo contexto, Lima (2023) investigou a história de dois times negros de futebol que existiram em Santa Maria-RS, o Club Foot Ball 7 de Setembro e o Sport Club Rio Branco, o primeiro fundado em 1916 e o segundo sendo mencionado nas fontes em 1920, procurando entender o contexto do pós-abolição a partir de um ponto de vista de clubes negros de futebol na respectiva cidade, colocando em evidência o protagonismo e transgressão do povo negro nesse período.

Por fim, a reportagem intitulada 'Como o futebol moldou a identidade cultural do brasileiro'[10] enfatiza a importância da história da modalidade esportiva no contexto nacional, pois aquilo que acontecia em campo e nas arquibancadas era influenciado pelos rumos do país, mas também ajudava a reger as mudanças políticas, econômicas, sociológicas e antropológicas no Brasil. Atualmente, essa prática corporal se faz presente na literatura, no cinema, na dramaturgia, na música, nas artes plásticas, nas expressões linguísticas e corporais dos(as) brasileiros(as).

Portanto, essas histórias de resistência influenciadas pelos aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais que atravessam o futebol precisam ser temas das aulas de Educação Física Escolar, se quisermos formar nas novas gerações uma postura crítica e reflexiva sobre essas temáticas (Nogueira; Maldonado; Freire, 2023), além de um letramento racial que possibilita atitudes antirracistas e cidadãs no seio da sociedade.

CONCLUSÕES

Embora o racismo continue sendo uma mancha na estrutura social, é importante reconhecer os esforços feitos por organizações, como o observatório da discriminação racial no futebol, para combater esse problema. A conscientização, a educação e a implementação de políticas mais rigorosas são passos essenciais para criar um ambiente no qual essa prática da cultura corporal possa verdadeiramente celebrar a diversidade e a equidade.

Para alcançar esse objetivo, o projeto em tela tem problematizado de forma crítica as histórias de resistência evidenciadas por atletas negros(as) no meio da respectiva prática esportiva. Somente com uma abordagem abrangente e determinada podemos esperar erradicar o racismo do esporte e criar um ambiente mais justo e inclusivo para todos(as) os(as) envolvidos(as).

Sem sombra de dúvidas, esse debate sobre as relações raciais que atravessam o futebol pode potencializar as problematizações nas aulas de Educação Física Escolar, principalmente se os(as) docentes do componente curricular compreenderam que a sua função social na escola é ampliar a leitura de mundo dos(as) estudantes sobre os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade relacionados com as práticas corporais, buscando assim a justiça curricular/social (Torres Santomé, 2013) nas suas práticas político-pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006. Disponível em: https://uwe-repository.worktribe.com/output/1043060. Acesso em: 16 ago. 2024.

COELHO, Márcio Cardoso. "**Te afirma, sor Mácio":** experiência negra, negritude, Educação Física e educação libertadora em uma autoetnografia crítica em uma escola da rede municipal de ensino de

[10] Reportagem disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/textos/como-o-futebol-moldou-a-identidade-cultural-do-brasileiro/

Porto Alegre. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2023.

CORSINO, Luciano Nascimento; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti. **Educação Física Escolar e relações étnico-raciais**: subsídios para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Curitiba: CRV, 2016.

LIMA, Taiane Anhanha. **Clubes negros de futebol em Santa Maria no pós-abolição (1916-1932).** Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande do Sul, 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso Afonso. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2003.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; SILVA, Daniel Vidinha; RIGO, Luiz Carlos. Liga de futebol José do Patrocínio (1919-1936): um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. **Projeto História**, São Paulo, v. 70, p. 235-260, 2021. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/49714. Acesso em: 19 ago. 2024.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 1-7, 2021. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/26982. Acesso em: 16 ago. 2024.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Por uma educação física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 34, n. especial, p. 51-61, 2020. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145. Acesso em: 16 ago. 2024.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, n. Edição Especial, p. 296–319, 2023. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/69138. Acesso em: 19 ago. 2024.

RODRIGUES, Diego Lemos. **Dos campos às páginas**: a participação negra na construção do futebol em Porto Alegre no pós-abolição (1907-1921). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, 2022.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351. Acesso em: 16 ago. 2024.